

Crítica e vingança

Uma análise da mini-série em quadrinhos *V for vendetta* sob a ótica crítica de Theodor Adorno.

Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho

Introdução:

Promover a leitura desta mini-série em quadrinhos marcada pela sua radicalidade ao tratar da decadência da sociedade em seu desenvolvimento rumo a um suposto crescimento social, a partir da ótica de um filósofo consagrado pela sua ousadia em desenvolver uma forte crítica referente à cultura de massa é por deveras um grande desafio.

Influenciados por diferentes razões e unidos por um sentimento de desconforto comum ao se depararem com o caminho tomado pela sociedade ocidental rumo a um dito progresso, Theodor Adorno e Alan Moore expressam em suas respectivas obras, a *Dialética do Esclarecimento*¹ e *V de Vingança*², uma crítica social –considerada por muitos como excessivamente radical e pessimista– que aparentemente não visa poupar o público leitor da realidade identificada por estes. Um mundo dominado por uma política que visa privilegiar interesses de pequenos grupos em nome de uma massa alienada pelo trabalho e pelo entretenimento que vêm nos meios de comunicação os únicos (se não únicos os mais verdadeiros) propagadores de uma dita verdade, é um pouco do universo que ambos constroem espelhados em suas experiências de vida. Uma decadência de inteira responsabilidade daqueles que esqueceram o sentido de sociedade e de liberdade.

Dividido em duas partes, busco expor no primeiro capítulo a gene do pensamento crítico de Theodor Adorno tendo como finalidade munir o leitor do presente artigo de sua visão diante a pretensa busca por um alçar de uma nova era travestida do ousado título de esclarecimento. Transpondo, em um segundo capítulo, tal lógica para o universo da mini-série em quadrinhos em questão.

Na segunda parte é apresentado o universo criado por Alan Moore e desenhado por David Lloyd sob a ótica crítica de Theodor Adorno, observando as diversas críticas comuns entre estes dois autores, que usam meios diferentes para difundirem suas idéias despertando seus leitores a observarem o mundo sob uma diferente perspectiva, não com a finalidade de propagar a discórdia diante ao inevitável, mas para instigar a discussão e através desta o crescimento intelectual para que, dentro do possível, soluções possam vir a serem tomadas em prol de uma reversão de um quadro que, aparentemente, se apresenta decadente.

1. O Esclarecimento

Poucas correntes teóricas, segundo nosso entendimento, desenvolveram uma crítica de cultura com tanta profundidade e radicalidade como a Teoria Crítica da Sociedade, com destaque para seu mais eminente pensador, Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969), sendo reconhecido até os dias de hoje pelo seu trabalho

nas questões que fundamentam a cultura e a existência humana na era moderna, radicalmente marcada pela realidade do mundo capitalista.

Seguindo a linha de raciocínio defendida por este pensador através de uma ótica crítica que lhe é peculiar, o mundo moderno apresenta em sua evolução um inequívoco processo de degradação (ou regressão) intelectual, como reflexo do fracasso e da transformação sofrida através de uma incessante busca por um esclarecimento que teria como missão “(...) dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (Adorno; Horkheimer, 1985: 19).

Adorno apresenta nas primeiras linhas de sua obra escrita juntamente com Max Horkheimer (1895-1973), intitulada *Dialética do Esclarecimento*, o incomodo sofrido por este ao identificar esta pretensiosa proposta de esclarecimento, assim escrevendo: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar o homem do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (Adorno; Horkheimer, 1985: 19).

O esclarecimento tinha como pretensão elevar o homem ao mais alto nível do saber, mas este acabou por converter-se no mais terrível e condenável engodo. Afastado de um caminhar crítico que iluminaria o alçar de uma nova era, o homem submete os velhos mitos do passado ao critério da calculabilidade. “O número tornou-se o cânon do esclarecimento” (Adorno; Horkheimer, 1985: 22).

A razão acaba tornando-se o marco de uma nova era, a era do esclarecimento, a era da desmistificação dos velhos mitos e das crenças que mantinham o homem em uma espécie de atraso. “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (Adorno; Horkheimer, 1985: 21). (...) tal conhecimento, oriundo do medo ancestral do homem diante das ameaçadoras forças naturais, se corporificou no conceito moderno de ‘técnica’, que não tem como objetivo a felicidade do gênero humano, mas apenas uma precisão metodológica que potencialize o domínio da natureza (Duarte, 2004: 27).

A humanidade acaba descobrindo na prática que “poder e conhecimento são sinônimos” (Adorno; Horkheimer, 1985: 20), a razão instrumentalista que se instaura mantém a sociedade limitada sob a ilusão da crença de que o esclarecimento atingiu sua realização plena: “(...) o ápice do desenvolvimento humano, nada mais havendo a ser atingido” (Duarte, 2004: 37).

A dominação do mundo, pelo o homem através da razão, o lança a uma posição de um ser não mais sujeito a natureza –como eram apresentadas as divindades do passado nas mais diversas mitologias–, e sim, capaz de submetê-la aos seus critérios. Adorno e Horkheimer assim definem: “O que os homens querem aprender da natureza é como emprega-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua autoconsciência” (1985, 20).

O homem torna-se o senhor e o escravo de sua racionalização e através de uma razão instrumental, este acaba por dominar a natureza e por conseqüência a si própria, levando as mais diversas sociedades a um acomodar-se em seu agir crítico. Ironicamente o homem não percebe que “o mito que cai diante ao esclarecimento já era produto do próprio esclarecimento” (Adorno; Horkheimer, 1985: 23), pois este pretendia relatar, definir, expor, fixar e explicar, agora de forma deturpada e projetada a um novo “deus” esclarecedor, com sua razão voltada para a ciência e para técnica, os mesmos ideais acabam deixando muito cedo de buscar apenas relatar para se tornar uma doutrina.

As sociedades que caem sob o véu desta dita razão, elevadas pelo fato de carregarem consigo o símbolo do esclarecimento acabam por gerar sistemas de vida ditos “perfeitos”, que englobam em si valores maiores como os de liberdade e justiça. O capital, a busca por satisfação pessoal através dos bens de consumo, os meios de comunicação que estimulam os desejos e as necessidades da população e o entretenimento apaziguador, tornam o indivíduo alienado diante a realidade. O homem deixou de ser aquele quem domina para se tornar o dominado (ou domado). “O despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações” (Duarte, 2004: 55).

Mas ao contrário do que se possa imaginar –e do que muitas vezes se diz, de modo incorreto, sobre a *Dialética do Esclarecimento*–, Horkheimer e Adorno não consideram a situação da humanidade como um caso perdido. Eles se referem a possibilidade de ‘rememoração da natureza no sujeito’, como um caminho para, pelo menos, se iniciar o processo de reversão do esclarecimento unilateral, com o objetivo de torna-lo ‘dialético’, i.e., consciente de sua relação com aquilo que ele não é (o afeto e a emoção, por exemplo) (Duarte, 2004: 33).

Como que compartilhando do mesmo estranhamento dos filósofos de Frankfurt referente o andar da humanidade, em um meio de comunicação considerado por muitos como propagador de um puro entretenimento, Alan Moore e David Lloyd buscam expor seu desconforto diante a uma sociedade considerada por eles doente, aparentemente marchando em prol de um esclarecimento, onde “o que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘*operation*’, o procedimento eficaz” (Adorno; Horkheimer, 198: 20). Nesta obra crítica que possui o título de *V de Vingança*, –hoje considerado– clássico das histórias em quadrinhos, é apresentado, em suas páginas, um futuro decadente, reflexo de uma total integração voluntária da humanidade a um sistema que lhe garante segurança, uma vida de acordo com certos valores morais, uma indústria cultural que oferece o descanso, além da liberdade de consumo, tudo isso a um preço adequado.

2. Um mundo para Crítica e Vingança:

Uma Inglaterra decadente resultante da descrença do povo diante a um governo trabalhista que propunha uma reforma social e do bombardeio nuclear proporcionado pelos Estados Unidos sob a Rússia, que afetara

diretamente a economia inglesa e o clima denominado por Moore como “inverno nuclear”³, matando pessoas e mantendo a terra infértil, seria o princípio para que os autores iniciassem a exposição de sua visão crítica por sobre a realidade vivida. Os efeitos nucleares sob a Inglaterra geraram um grande período de descontrole social, o governo se via castrado diante a manifestações revolucionárias que exigiam alguma atitude. Saques, depredações, violência e raiva apresentavam o real desconforto do povo em frente à situação vigente, o governo mostrava-se falho até a fictícia data de 1992, quando uma coalizão de grupos fascistas, unidos às grandes corporações sólidas, carregando o título de “nórdica chama” assumia o poder.

A população estava estável e enxergava uma solução para sua terrível situação. A segurança se restabelecera e as pessoas podiam novamente andar tranqüilas nas ruas, pois os mal-elementos haviam sido execrados, caçados e, por que não, exterminados. O controle exigido pelo povo era real, as pessoas viam nesta rigidez uma necessidade, mesmo que esta passasse por sobre certos direitos, justificados sob a premissa de que um assassino, um ladrão, um traficante não os teria, pois os direitos da vítima, ou da pessoa de bem, deveriam ser preservados (ou privilegiados) acima de tudo. A unilateralidade desta ótica amparada pelo povo que defende certas atrocidades, visto por serem devidamente direcionadas a aqueles considerados por estes como a margem da população “má”, acaba por ser a genealogia de um totalitarismo que visa em seus fins práticos o bem social. O medo e o temor da sociedade diante a eminência de atentados, assaltos, seqüestros e todo tipo de violência acaba levando uma nação –a Inglaterra no caso da mini-série em questão– a tomar atitudes drásticas revertendo à situação de um extremismo (a calamidade nacional) a outro (o controle e a segregação). Dividindo a grande massa em bons –aqueles que pagam seus impostos, trabalhadores e contribuintes– e maus –meliantes de baixa categoria social que acabam proporcionando situações de alto risco a sociedade– ações que visam a extinção desta margem de alta periculosidade acabam por serem respaldadas pelo povo, pois são necessárias para se viver em paz.

Movidos pela euforia e pelo medo, a população procura manter-se afastada, ou, por que não, cega, pois o governo está tomando decisões e agindo pelo povo e para o povo. Este movimento de ascensão é apresentado por Adorno como o engodo promovido pela busca do esclarecimento que “(...) se consuma e se supera quando os fins práticos mais próximos se revelam como o objetivo mais distante finalmente atingido (...), em face dessa possibilidade, o esclarecimento se converte, a serviço do presente, na total mistificação das massas” (Adorno; Horkheimer, 1985: 52).

Aos poucos a caça aos criminosos acaba dando vazão a um massacre dos mesmos, e ainda assim o povo acredita ser o correto. Logo após foram delimitados os grupos de risco, dentre eles os pobres, os imigrantes ilegais e os negros, e ainda assim o povo acredita ser o necessário. Em seguida os homo-sexuais e todos aqueles que ofendiam os valores morais da sociedade de bem, mas a população já não julgava mais, não enxergava mais,

pois por outro lado empregos eram criados, a nação se reerguia, a liberdade e a justiça se estabeleciam e ninguém mais questionava e tão pouco criticava, pois quando os oficiais do governo calaram os filósofos e os homens de pensamentos livres, o povo já havia se integrado (entregado) ao novo sistema de vida. Pois é sabido que "(...) uma das características dos Estados autoritários é impedir o ensino de filosofia e silenciar a crítica dos pensadores, a fim de garantir a obediência passiva dos cidadãos"⁴.

Programas contendo um alto nível de piadas, ou vilões claramente identificados como analogias ofensivas referentes aos negros e a outras classes desfavorecidas como os homo-sexuais passam a serem comuns nos mais diversos canais televisivos –como visto na figura 1, p. 145– afastados da responsabilidade de estar propagando possíveis mensagens preconceituosas e ofensivas, pois tais programas apenas visam proporcionar um entretenimento, e assim é tratado pelo povo que encontra em seus *esquetes* o descanso merecido após sua rotina de trabalho. A indústria cultural se faz presente proporcionando a informação em forma de diversão, mantendo a alienação social diante aos possíveis problemas, sejam eles econômicos, trabalhistas,

políticos ou outros mais. O esclarecimento transmuta-se em total mistificação das massas.

Desprendendo seu tempo de descanso em defrontar-se com a realidade do mundo “o prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais” (Adorno; Horkheimer, 1985: 128). Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos –e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro– paralisam estas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva (Adorno; Horkheimer, 1985: 119). Como que por tomar como premissa a citação das escritoras Maria Aranha e Maria Martins que afirmam:

1



2



3



“Se a condição do amadurecimento está na conquista da autonomia no pensar e no agir, muitos adultos permanecem infantilizados quando não exercitam desde cedo o olhar crítico sobre si mesmos e sobre o mundo”⁵, Moor choca o leitor ao descrever –não distante a realidade dos dias atuais– um cenário munido por uma densa aura de alienação que mantém a sociedade claramente imatura e incapaz de se erguer e exercer uma opinião crítica, não por alguma imposição externa, mas por não enxergar possíveis problemas.

Alguns se encontram neste estado por estarem integrados ao sistema de vida proposto a tal ponto que esquecem qual o sentido de se ter um discernimento crítico, de se preservar a individualidade e até de se viver em sociedade, apenas se adaptando as regras do mundo a sua volta, não o questionando e tão pouco questionando a si mesmo, outros por buscarem criar sua própria fantasia de realidade, fingindo não haver qualquer mancha em sua perfeita visão de mundo, agindo rapidamente quando algo os fere e os obriga em certo momento despertar. Rapidamente este busca no entretenimento, na moda ou em outros artifícios o apaziguamento com siglo mesmo e com sua ilusão.

Ao expor este fictício mundo radicalmente degradante, Alan Moore acaba por alertar seus leitores sobre a importância de se manter um discernimento crítico, alertando o homem do perigo que este corre ao se perder em seu caminho deixando de lutar por seus valores e por suas crenças, afastando-se de sua individualidade e cedendo espaço a um errôneo ideal de sociedade onde uma suposta liberdade é defendida em paralelo à massificação. Diferente do que possa se pensar o totalitarismo que os autores apresentam em sua HQ é apenas uma representação fatalista daquilo que é identificado nas mais diversas sociedades onde “veste-se, come-se, pensa-se, não como cada um gostaria de se vestir, comer ou pensar, mas como a maioria o faz. Os sistemas de controle da sociedade aprisionam o indivíduo numa rede aparentemente sem saída” (Aranha; Martins, 1993: 07).

O personagem de nome “V” busca na anarquia a solução para a fictícia Inglaterra de Moore, destruindo seus ícones e suas estruturas representativas de um poder autoritário para que dos destroços possa ser erguido um mundo melhor (Figura 2, p. 145). Expondo a fragilidade de um governo opressor ele oferece à sociedade a idéia de símbolo, lembrando o homem de que este não deve ser tratado como um animal, visto que este não reconhece o símbolo, mas somente o índice. “O índice está relacionado de forma fixa e única com a coisa que se refere. Por exemplo, as frases com que adestramos o cachorro devem ser sempre as mesmas, pois são índices, isto é, indicam alguma coisa muito específica” (Aranha; Martins, 1993: 05), já o símbolo é flexível e versátil, lembrando o homem de que este não está para o sistema como um animal para com o seu dono, apenas repetindo os atos aos qual fora adestrado e sim de que em si encontra-se a dádiva do livre pensar.

A radical posição de “V” que, descrente na justiça e na liberdade proposta pelo sistema vigente, encontra na total destruição da estrutura governamental juntamente com seus representantes a forma de despertar a

população para a realidade, dá razão ao título que ostenta a vingança como tema principal. Tal vingança não cai apenas sobre os líderes governamentais, mas por sobre a própria população, pois V relembra claramente a responsabilidade do povo em outorgar seu poder de decisões a um grupo de representantes que apenas respaldam aquilo que era desejado pela maioria. As placas nas câmeras de segurança que vigiam os transeuntes diariamente invadindo sua privacidade – visto na figura número 3, p. 145– não mentem, o povo ofereceu seu poder para o governo que lhes garantisse segurança e controle. O sistema é exatamente o que o povo deseja. O homem domina o próprio homem por vontade do homem. A integração acaba por ser totalitária. Ao apresentar um ideal de liberdade buscando manter vivo o espírito crítico diante a toda forma de poder, inclusive dos meios de comunicação, não tomando toda a informação como verdades inabaláveis, apenas por partirem de fontes ditas sólidas, instigando a busca por suas próprias verdades V lentamente propõe aquilo que Adorno irá chamar de “memorização do sujeito em si” iniciando um caminho para um possível processo de reversão do esclarecimento unilateral, o tornando mais humano e menos instrumental, atingindo assim um equilíbrio necessário.

3. Conclusões:

Claramente percebe-se que o autor de *V de Vingança* apresenta em seu cenário de ficção uma catástrofe com poucas probabilidades de efetivação para que um estado totalitário venha tomar o poder. A existência de um não é, obrigatoriamente, a causa da efetivação do outro. Descartando o exagero de uma guerra atômica, o movimento de ascensão de um governo totalitário não parece muito distante daquilo que muitas nações permeiam nos dias atuais ou algum dia já permearam (outras vivendo sua efetivação).

Sendo esta uma obra crítica a realidade vivida por Alan Moore, em seu artigo escrito no ano de 1988, este apresenta alguns fatos que o influenciaram no desenvolvimento desta HQ, igualmente reforçando a idéia de que um estado totalitário, que passa por sobre os direitos dos homens em nome da preservação de valores defendidos pela grande maioria, seria possível, visto o que este vivera diante a ascensão do governo de Margaret Thatcher:

Estamos no ano de 1988 agora. Margaret Thatcher está entrando em seu terceiro mandato e fala confiante de uma liderança ininterrupta dos Conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a idéia de campos de concentração para pessoas com AIDS. Os soldados da tropa de choque usam visores negros, bem como seus cavalos; e suas unidades móveis têm câmeras de vídeo rotativas instaladas no teto. O governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até mesmo como conceito abstrato. Só posso especular sobre qual minoria será alvo dos próximos ataques (Moore, 2006. 08).

A realidade do universo da mini-série em questão seria um reflexo um tanto exagerado daquilo que seus autores viviam. Igualmente incomodados e temerosos para com o futuro da humanidade, Adorno e Horkheimer fazem o

mesmo ao produzir a *Dialética do Esclarecimento*, visto que ambos viveram a ascensão do nazismo de Adolf Hitler, partido político alemão totalitarista que exaltava o nacionalismo e a purificação de sua nação, não por uma imposição arbitrária destes, mas pela vontade da grande massa. Assim os autores escrevem: “Atualmente o anti-semitismo é considerado por uns como uma questão vital da humanidade, por outros como mero pretexto. Para os fascistas, os judeus não são uma minoria, mas a anti-raça, (...) de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo” (Adorno; Horkheimer, 1985: 157). Obras como a *Dialética do Esclarecimento* e *V de vingança* alertam seus leitores diante a realidade vivida, tornando-se obras atemporais. Ambas expõem as fragilidades e os perigos que a humanidade vem se deparando gradativamente na eminência de um futuro catastrófico, seja pela alienação total das massas ou na destruição da mesma, devendo ser lidas não como expressões pessimistas de mundo a serem descartadas, como que por desconsiderar as razões pelas quais foram produzidas, mas sim estudadas, para que não venha a se repetir o surgimento de estados totalitários claramente assumidos ou disfarçados sob a aura da democracia. Mesmo que as mais diversas sociedades apresentem a predominância de um sistema de vida resultante do engodo do esclarecimento, permitindo a ascensão de um totalitarismo, tomado por uma razão instrumentalista, identificando que a “(...) massificação pode ser decorrente da aceitação sem crítica dos valores impostos pelo grupo social, também é verdade que a vida autêntica só pode ocorrer na sociedade e a partir dela” (Aranha; Martins, 1993: 07).

A ambigüidade poderia ser definida como a aura que ilumina a humanidade, visto que “a sociedade é condição da alienação e da liberdade, é a condição para o homem se perder, mas também de se encontrar” (Aranha; Martins, 1993: 07). Mesmo que a figura de “V” mostre-se revoltado para com a sociedade, este, através de seus meios, destrói tudo aquilo em que esta se apoiava, pois seu amor para com ela não o afasta de seu compromisso com a verdade. Não deixando o discernimento crítico perecer tão pouco a ousadia de expor sua opinião, é possível deixar este

universo um tanto menos ambíguo preservando uma real liberdade, mesmo que o preço a se pagar seja a destruição da ilusão do real, proporcionando um reencontro da sociedade com a humanidade.

Fica clara a necessidade de se manter acesa a chama crítica em cada membro das mais diversas sociedades, pois apenas nestes se encontram a chave para o despertar assim como para o dormir passivo em frente aquilo que lhe é proposto. Perdendo-se de si, o homem acaba por esquecer que nele mora a força que o faz superior a qualquer sistema, estado ou governo, sendo esta conhecida –por muitos esquecida– como o saber onde muitas coisas estão guardadas “(...) que os reis, com todos seus tesouros, não podem comprar, sobre os quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem e que provêm de países que seus navegantes e descobridores não podem alcançar” (Adorno; Horkheimer, 1985: 19).

Notas

1. *Dialektik der Aufklärung - Philosophische Fragmente.*
2. *V from Vendeta*, originalmente publicado nos EUA entre os anos 1988 e 1989, na forma de minisserie, pela DC comics.
3. Denominação encontrada em artigo escrito pelo autor em 1988 publicado na edição encadernada de *V de Vingança*.
4. Esta citação encontra-se no livro *Filosofando - Introdução à Filosofia*, logo na primeira página de apresentação, não sendo numerada.
5. Idem a nota de número 4.

Referências Bibliográficas:

- Adorno, Theodor W.; e Horkheimer, Max (1985) *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 254p. Tradução: Guido Antonio de Almeida.
- Aranha, Maria Lúcia; Martins, Maria Helena (1993) *Filosofando: introdução à filosofia*. 2ed. São Paulo: Moderna. 395p. Ilustrado.
- Duarte, Rodrigo (2002) *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 68p.
- Moore, Alan; Lloyd, David (2006) *V de Vingança*. Rio de Janeiro: Panini Comics. 304p. Tradução: Helcio de Carvalho e Levi Trindade. Ilustrado.

Innovación, herramienta para el diseño en las conversaciones de poder. ¿Puede el diseño ingresar en la toma de decisiones de países y empresas?

Álvaro Javier Magaña Tabilo

La innovación en los modelos de gestión y negocios corporativos le ha abierto una puerta inesperada al diseño para ingresar a la toma de decisiones económicas de países y empresas ¿de qué forma la profesión se hace cargo de este desafío?

No es novedad que hoy valor, innovación y capital de riesgo no son conceptos ajenos al diseño, como tampoco lo es la preocupación social, el medio ambiente y la cultura.

El diseño atraviesa a la sociedad completa de un modo silencioso y la acompaña desde los primeros gestos de apropiación que la humanidad ha hecho sobre su entorno. Definir donde empieza y donde termina el diseño es un ejercicio interminable, sin embargo, asumir que así como los diseñadores estamos en la cotidianidad también estamos en las decisiones importantes, que el diseño instala mundos nuevos, que conductas y mercados son afectados o se valen de él, es un ejercicio imprescindible.

Las empresas, los países y los mercados han comenzado a darse cuenta que no hay política de desarrollo e inno-